

# Senadores mais jovens e progressistas

por Eliane Cantanhêde  
de Brasília

O discreto, lento e corporativista Senado Federal dificilmente será o mesmo a partir destas eleições. Não só por causa da renovação obrigatória de dois terços de sua bancada, mas em especial porque as pesquisas indicam uma nítida mudança de perfil, político e pessoal, na nova safra de senadores. Consolidam o favoritismo, por exemplo, José Serra (PSDB), em São Paulo, Benedita da Silva (PT), do Rio de Janeiro, Vilson Kleinubing (PFL), em Santa Catarina, e Roberto Freire (PPS), em Pernambuco.

Eles têm em torno de cinquenta anos de idade — bastante jovens, portanto, para uma Casa tradicionalmente dominada por septuagenários — e em geral são de partidos de esquerda ou centro-esquerda. A exceção neste segundo caso é o pefelista Kleinubing, de 49 anos, mas também ele comporta o rótulo de “progressista”, se considerado seu estilo de administrar e a modernidade que conseguiu imprimir ao seu estado, como governador.

“Estas eleições vão mudar o eixo de gravidade do Senado, a favor dos progressistas”, comemorou o senador e candidato ao governo de São Paulo pelo PSDB, Mário Covas, em conversa com este jornal. “Vem gente mais nova, mais brígona, mais criadora de caso. O que é ótimo!” — acrescentou Covas, que completa nesta Legislatura os oito anos a que tinha direito no Senado.

“O próprio Serra vai dar nova vida no Senado, substituindo Covas e o candidato a presidente do PSDB, Fernando Henrique Cardoso, na bancada paulista”, provoca, com sutileza, o diretor de documentação do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP), Antônio Augusto de Queiroz. Mas, numa coisa, ele está em pleno acordo com o senador e candidato Covas: “O Senado vai ter um pouco mais de dinâmica, de agressividade. E o sangue novo entrando”, disse, lembrando que estão de saída, por exemplo, José Richa (PSDB-PR), Affonso Camargo (PTB-PR), Jarbas Passarinho (PPR-PA), Roman Tito (PMDB-MG) e Saldanha Derzi (PTB-MS), todos com mais de 60 anos.

Brindado com apenas 3,7 de “nota” do DIAP na Constituinte de 1988, por seus votos nem sempre considera-

dos de acordo com o sindicalismo, o ex-presidente da UNE José Serra não se incomoda com isso. Aos 52 anos, um doutorado em Economia conquistado nos Estados Unidos, ele tem fechado os ouvidos à gritaria da esquerda desde que saneou as finanças de São Paulo, como secretário de Planejamento do governo Franco Montoro (1983/86). Sua receita: puro pragmatismo, além de conhecimento técnico e inteligência inquestionáveis.

O Senado representa a Federação, não a população, mas o que tem contado mesmo é o eco de sua tribuna.

“Acho que vão voltar os bons debates dos velhos tempos do Senado”, anima-se Serra, lembrando que na Câmara o tempo na tribuna, muito disputado, acaba sendo pouco para tantos deputados e nunca rende debates. Já no Senado, um discurso pode durar até duas horas, com liberdade para inúmeros apartes do plenário.

Entre os futuros colegas, caso se confirmem as pesquisas atuais, ele destacou com bons debatedores Roberto Freire, Vilson Kleinubing, Esperidião Amin (que não deve se eleger presidente e, assim, vai continuar senador) e especialmente o ex-governador Antônio Carlos Magalhães, da Bahia. “Esse é bom de briga”, elogiou Serra.

“Bem... o que posso dizer por ora é que prometo dar muito movimento ao Senado”, disse a este jornal o ex-governador, ex-ministro e peculiaríssimo Antônio Carlos Magalhães, 67 anos, do PFL. Nem tão jovem, nem tão “progressista” para os padrões da esquerda, ninguém lhe nega uma competência política de gerar admiração nos aliados e tirar o fôlego dos adversários. A questão, agora, é um tanto mais complexa: “Quem vai tremer mais com o ACM na tribuna do Senado? Os adversários ou os aliados?” — indaga um político ferino. Possivelmente, os dois. E o candidato da coligação PSDB-PFL-PTB à Presidência da República bem sabe disso.

O Roberto Freire é um caso justamente oposto do de ACM. Adversário na campanha, pois apóia o petista Luiz Inácio Lula da Silva; ele deverá ser o principal interlocutor entre o eventual presidente Fernando Henrique Cardoso e as esquerdas abrigadas hoje na coligação de Lula. “Este é um animal político. Ele sabe intermediar e negociar nos momen-

tos mais delicados”, elogia o amigo pernambucano Raul Jungman, secretário-executivo do Ministério do Planejamento.

Freire foi o principal articulador da aproximação do PT e do PSDB em torno do governo Itamar Franco. Tanto que foi ele quem levou para o Ministério da Administração a ex-prefeita Luiza Erundina — aliás ela também uma forte candidata ao Senado pelo PT de São Paulo. Tanto, ainda, que Freire costuma dizer, entre quatro paredes, que foi sua a sugestão de transformar Fernando Henrique em sucessor de Eliseu Rezende no Ministério da Fazenda. A aliança não deu certo. Freire foi para um lado e FHC para outro. Mas ninguém deve esperar uma oposição radical, muito menos virulenta, do comunista Freire a um eventual governo tucano.

“O Senado vai ter uma maior afirmação das forças democráticas, das forças que têm uma visão moderna do papel do Estado e do próprio Congresso”, disse Roberto Freire a este jornal na semana passada. “E até a

própria renovação de idade vai ser favorável, para se dar maior amplitude e grandeza às funções do Senado”, diz ele, aos 52 anos.

Benedita da Silva, primeira colocada nas pesquisas para o Senado no Rio, nem é uma grande tribuna, como Antônio Carlos, nem marcou presença na Câmara como articuladora, tal como Roberto Freire. Mas, como informa Fernando Abrucio, deste jornal, ela faz questão de se apresentar como “mulher, negra e favelada”, o que já é suficiente para fazer dela, a Bené, uma novidade e tanto no Senado. Aos 52 anos (mesma idade de Serra e Freire), é evangélica, auxiliar de enfermagem, formada em serviço social, e só vai se dedicar a um assunto: as questões sociais, que nunca foram prioridade no Senado.

No Rio, disputam a segunda vaga ao Senado o já senador Nelson Carneiro (PP), 84 anos, autor da lei do divórcio, e o deputado Arthur da Távola (PSDB), 58 anos, jornalista e escritor, que foi exilado no Chile na mesma época de Serra e Fernando

Henrique Cardoso. Em São Paulo, a segunda vaga será decidida entre Erundina (PT), assistente social com pós-graduação em Sociologia e ex-prefeita da capital, e o delegado Romeu Tuma (PL), que quase se eternizou no comando da Polícia Federal por sucessivos governos.

Outros favoritos, até agora, são: Francelino Pereira (PFL) e Virgílio Guimarães (PT), em Minas; Antônio Carlos Magalhães (PFL) e Waldir Pires (PSDB dissidente), na Bahia; Márcia Kubitschek (PP), Lauro

Campos (PT) e José Roberto Arruda (PP), no Distrito Federal; Lúcio Alcântara (PDT) e Mauro Benevides (PMDB), no Ceará; José Fogaça (PMDB) e César Schirmer (PMDB), no Rio Grande do Sul; Roberto Freire (PPS) e Carlos Wilson (PSDB), em Pernambuco; Bernardo Cabral (PP) e José Dutra (PMDB), no Amazonas; Ronaldo Cunha Lima (PMDB) e Humberto Lucena (PMDB), na Paraíba; e Vilson Kleinubing (PFL) e Cacildo Maldaner (PMDB), em Santa Catarina.